

A REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO NO DISCURSO ARQUEOLÓGICO: EXEMPLO DE UM BAIXO-RELEVO MITRAICO

Maria C. Monteiro Rodrigues

Introdução

A teoria do conhecimento desde há muito que chama a atenção para dois mundos distintos da observação dos fenómenos: quer eles se refiram a objectos ou a documentos escritos. Isto significa que antes de se filosofar sobre qualquer objecto ele deve ser escrupulosamente examinado e descrito.

Assim, é necessário observar com rigor e descrever com exactidão aquilo a que chamamos conhecimento, "esse peculiar fenómeno da consciência" (Hessen, 1987:25). Fazêmo-lo procurando apreender os traços essenciais do objecto, por meio de uma auto-reflexão sobre o que vimos quando falamos de conhecimento. Este método fenomenológico é distinto do psicológico. Enquanto o último investiga os processos psíquicos concretos no seu curso regular e a conexão com outros processos, o primeiro aspira a apreender a essência geral no fenómeno concreto (*Ibidem*:26).

Desta forma no conhecimento encontram-se frente a frente duas entidades: o Objecto e o Sujeito. O conhecimento apresenta-se, assim, como uma relação entre estes dois elementos, que permanecem eternamente separados um do outro.

O Conceito de Representação

A utilização das "novas tecnologias da informação" vieram aprofundar as questões teóricas, em Arqueologia e não só, desta separação preconizada pela teoria do conhecimento. O problema que se coloca é o seguinte: que meios utiliza o arqueólogo para passar dos dados observados à interpretação dos mesmos.

Do ponto de vista teórico não está em causa o problema da "máquina" mas somente a análise das operações mentais mobilizadas quer nas construções mais simples da arqueologia às mais complexas de carácter histórico.

O objectivo é clarificar os fundamentos conceptuais dos dados observados e das construções que suportam ou seja a interpretação.

Os dados neste caso, não são já os dados empíricos, quer dizer os fenómenos ou os próprios objectos observados, mas os dados simbólicos considerados como representações convenientes para a edificação da construção interpretativa (Gardin e al 1981:9).

Nesta perspectiva o material de base de qualquer construção necessita de utilizar conjuntos de símbolos para representar os dados empíricos estudados, de modo a serem manipulados pela linguagem e pelo pensamento.

A expressão destas equivalências é de facto a função principal da representação simbólica, neste estágio primitivo do raciocínio. (Idem:7).

A referência a um sistema desta natureza justifica-se, em primeiro lugar, pelo carácter racional, sempre metódico, da relação de um conjunto de factos observados com o conjunto de símbolos que escolhemos para os representar. Nas disciplinas dotadas de uma linguagem científica elaborada, separada das linguagens naturais, o sistema simbólico da representação dos dados não é mais do que esta mesma linguagem.

As Ciências Humanas não têm utilizado esta forma de pensamento. A maneira de representar os dados da observação está ainda, próximo da linguagem natural. O sistema simbólico confunde-se com a linguagem comum, enriquecida com termos técnicos. Mas os tempos mudaram e os progressos em "inteligência artificial" nos dois aspectos da análise do raciocínio, exigem que as combinações expostas sejam objecto de uma "representação e tratamento dos conhecimentos" (Gardin, 1991:63).

A questão mais importante do ponto de vista epistemológico é evidentemente a dos "fundamentos": em que elementos se apoiam as operações da escrita? que conhecimentos é preciso referir para tornar

admissível, essas operações. No estudo que vamos apresentar veremos que são tão banais como edificantes. Banais porque verificamos que as inferências serão fundamentadas no que nós chamamos senso comum; edificantes porque descobrimos que o jogo das construções é feito de forma livre.

O número de proposições Pi que podemos derivar de uma outra proposição Pi-1 revela-se com efeito muito grande.

Cada uma das derivações será apoiada quer por referência a outras interpretações comparáveis, relativas a factos de observações idênticas ou diferentes, quer por outras escritas em linguagem natural conforme o senso comum. (Gardin 1991:67)

O ponto a reter, entretanto, não está ausente da "justificação", neste último caso, como a forma "silenciosa" da argumentação, e por consequência a sua fragilidade nos dois casos: o autor silencia a maior parte das vezes, as razões porque preferiu uma derivação, em vez de outras, igualmente plausíveis.

Por outras palavras, enuncia uma inferência aceitável, mas não refuta outras que são, também, plausíveis no universo conceptual de referências.

Resumindo: a forma mais cómoda da representação do conhecimento consiste em dissecar as construções científicas pondo em evidência de uma parte os dados de base e, de outra parte, as operações de derivação pelas quais se passa dos primeiros dados às conclusões (interpretações, hipóteses, etc.) (Gardin e Salomé, 1975).

Para exemplificar o "novo" conceito da representação em Ciências Humanas vamos analisar um pequeno texto escrito em linguagem linear, intitulado, "O Baixo-relevo Mitraico de Tróia de Setúbal" (Maciel, 1996: 128-131).

1. Descrição sumária do texto

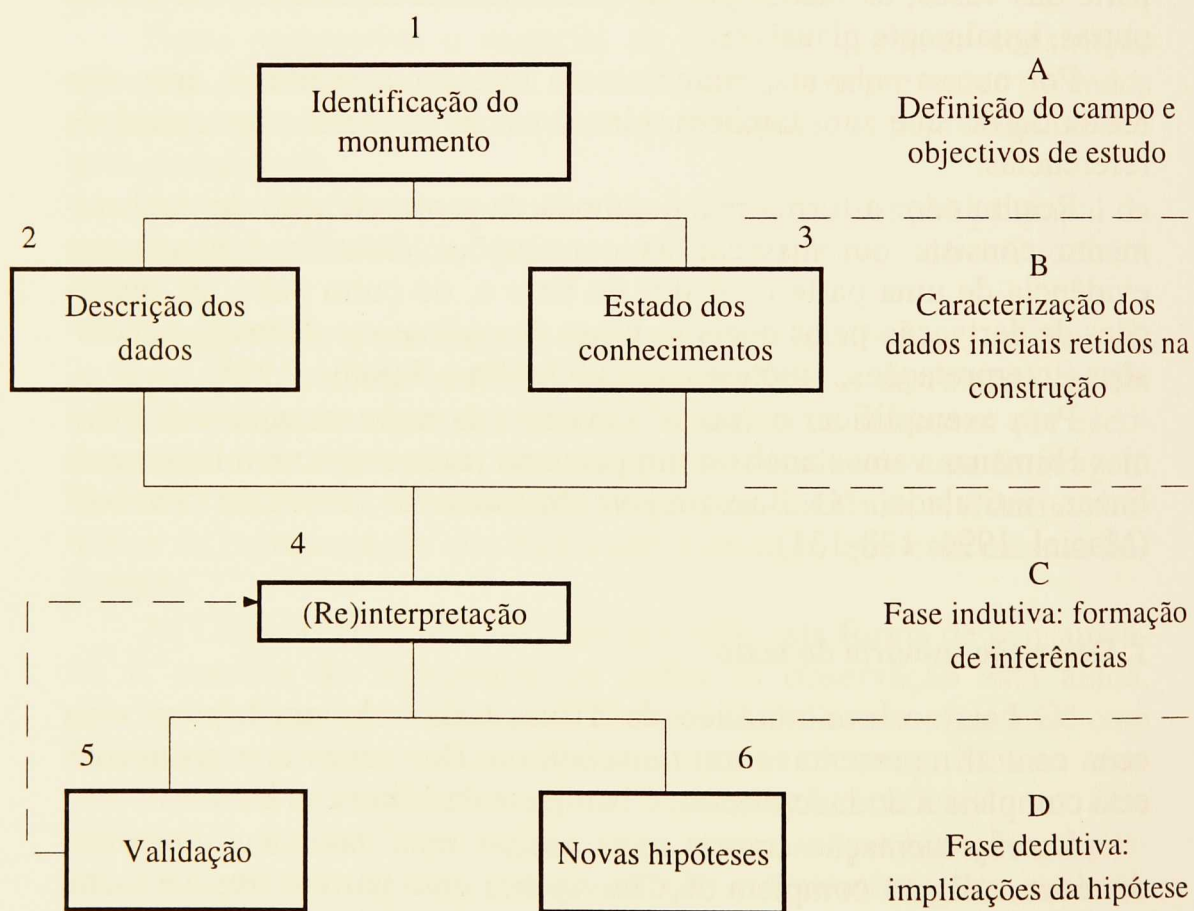
"O baixo-relevo mitraico de Troia, teria sido um tríptico cuja cena central representava um *taurobolium*. Das cenas laterais apenas está completa a do lado direito, o banquete de Mithras e Hélios.

Da representação central resta apenas uma das patas dianteiras do touro, a figura completa de *Clautopates* com barrete frígio e tocha voltada para baixo, ocupando o canto superior direito, o busto feminino da *Luna* decorado com o crescente por detrás dos ombros. A cena do banquete é que nos interessa sobretudo aqui. As duas personagens reclinam-se numa refeição, empunhando cada uma o seu ritão

O Conceito de Representação

com a mão esquerda. Mithras estende a sua mão direita sobre os ombros de Hélios e apresenta, como os dadóforos, a cabeça coberta pelo barrete frígio, cujas *infulae* caem sobre os ombros. Hélios com a cabeça nimbada e radiada, estende a sua mão direita a *Cautos*, um dos dois dadóforos que servem à mesa, o qual, largado no chão o seu archote, parece apresentar-lhe um pão que retira de um prato. O outro, com a tocha invertida, e que representa Cautopates, aproxima um gomil de uma cratera, na qual se enrola uma serpente, símbolo da Terra, que aí se dessedenta. Todas as personagens trajam vestuário do tipo persa, com túnica, *cingulum* e clámide."

O resto da descrição é dedicada a referências documentais de vários autores que se debruçam sobre a interpretação desta cena e que apresentaremos em seguida num esquema formalizado, por ordem cronológica (p. 453).



Quadro 2 – Organigrama das várias etapas seguidas no estudo do Baixo-relêvo
(J. C. Gardin, 1975: 18, adaptado).

INTERPRETAÇÕES PASSADAS DA CENA

FONTES	LOCAL ONDE AS DUAS PERSONAGENS MAIORES SE ENCONTRAM	EXPLICAÇÃO DA CENA
Marques da Costa 1929	bojo de navio, barco ou canoa	_____
E. Jalhay 1948	coxim ou almofada	_____
A. Garcia y Bellido 1949	luxuoso leito ornado com franjas verticais, como de grossos bordados, nos quais parecem figurar-se caules de hera e folhas pareadas	Importância da água fecundante associada ao mitraísmo e ao seu culto litúrgico e catártico
M. S. Vermaseren 1956	mesa	Repete Garcia e Bellido
L. A. Campbell 1968	triclinium, mensa, trapeza taurika	Sagrada refeição, santa comunhão
Vasco de Souza 1990	triclinium	_____
M. J. Maciel 1996	a) Difícil identificar b) Concorda com Jalhay c) Concorda com Garcia e Bellido	O banquete entre Mithras e Hélios comemora o pacto feito entre as duas divindades e da qual saiu vencedor o Deus ariano...

O quadro anterior mostra, a vários níveis, a indecisão que reina na interpretação da cena:

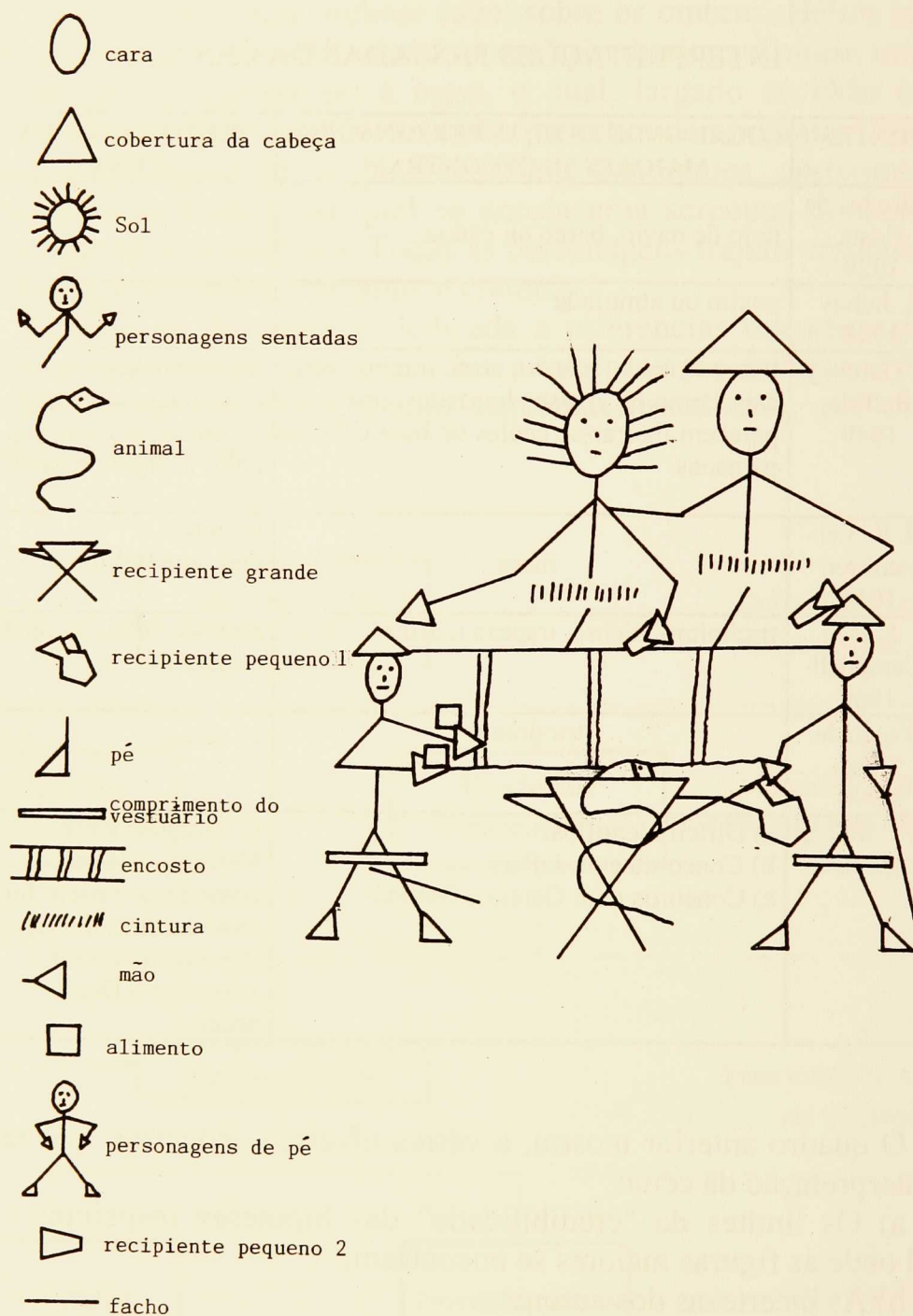
a) Os limites da "credibilidade" das hipóteses respeitantes ao local onde as figuras maiores se encontram;

b) As incertezas dos autores;

c) As razões que se opõem à interpretação da cena e as omissões da interpretação;

d) As considerações que conduzem a procurar uma explicação aceitável e fundamentada do baixo-relevo.

2. Representação esquemática da cena



Representação esquemática do baixo-relevo de Tróia (Setúbal)

Os elementos descritivos não têm qualquer referência gráfica particular e constituem a base de dados da construção interpretativa.

3. Descrição dos dados

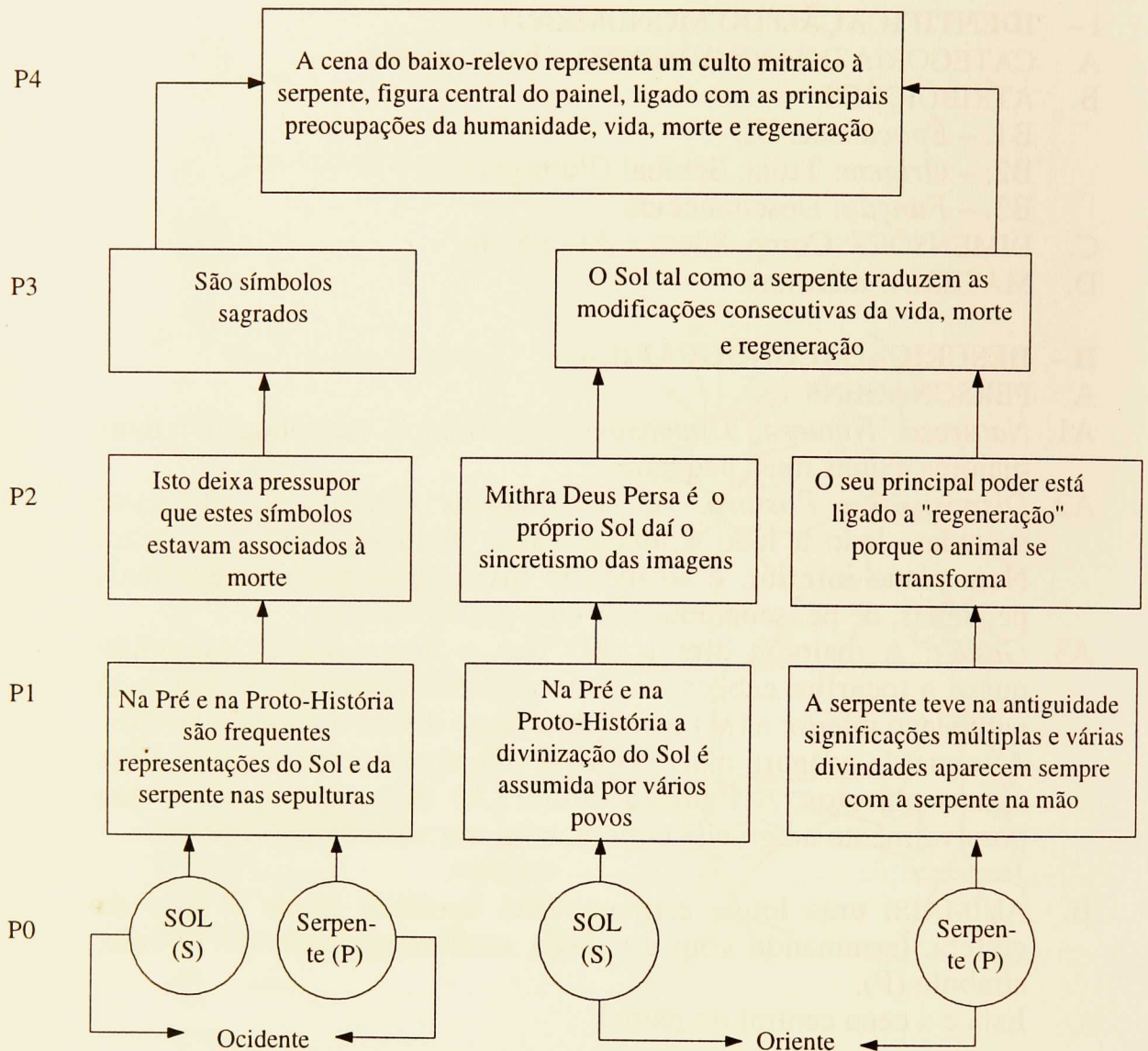
I – IDENTIFICAÇÃO DO MONUMENTO

- A. CATEGORIA DO MONUMENTO – baixo relevo
- B. ATRIBUIÇÕES
 - B1. – *Época*: séc. III.
 - B2. – *Origem*: Tróia, Setúbal (Portugal)
 - B3. – *Função*: Desconhecida
- C. DIMENSÕES: Comp. 80cm x Alt. 65 cm
- D. MATÉRIA: mármore

II – DESCRIÇÃO ICONOGRÁFICA

- A. PERSONAGENS
 - A1. *Natureza, Número, Dimensões relativas*; 4 personagens: duas maiores e duas mais pequenas
 - A2. *Disposição e Postura*: As personagens maiores encontram-se sentadas, lado a lado e ambas estão inclinadas para a direita. Num plano inferior, e ao mesmo nível, duas personagens mais pequenas, de pé, separadas por uma grande cratera.
 - A3. *Gestos*: A maior à direita (M) tem o braço direito estendido quase a tocar na cabeça da mais pequena (símbolo A) que está num plano inferior a (M) e estende o braço direito nas costas de (S). À esquerda a figura mais pequena (B), agarra com as duas mãos alguns objectos. A figura à direita (A) deita um líquido (àgua possivelmente na grande cratera, com um vaso mais pequeno).
- B. ANIMAIS: uma longa serpente está enrolada desde a base da cratera, terminando com a cabeça semi-mergulhada no líquido, símbolo (P).
Esta é a cena central do painel
- C. VESTUÁRIO – Todas as personagens trajam da mesma forma: túnica, cingulum e clámide.
A figura maior da esquerda (M) tem a cabeça coberta por um barrete frígio tal como as figuras mais pequenas.
A imagem á esquerda (S) tem a cabeça raiada.
- D. MOBILIÁRIO: o local onde as duas personagens estão sentadas e apoiadas não é decifrável
Grande cratera (T) no centro da cena.
Tochas numa das mãos das personagens mais pequenas (dadóforos)
As figuras (S) e (M) seguram um recipiente (ritão)

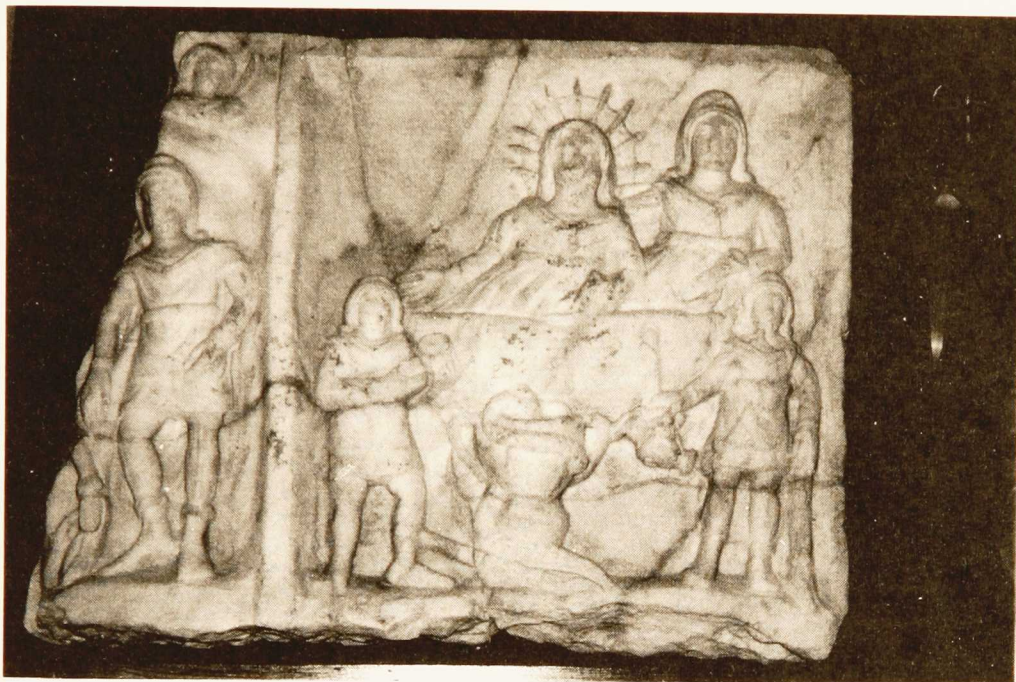
4. Esquema empírico-indutivo da re-interpretação



Análise do esquema empírico-indutivo da re-interpretação.

P0 – As proposições (Po) que se encontram neste nível correspondem aos dados iniciais sobre os quais a re-interpretação vai incidir: o Sol (S) e a serpente (P). Utilizámos, apenas, estes dois dados de base por nos parecer que são os elementos principais para re-interpretar a cena (além de Mithra=Sol).

P1 – Desde a Pré-História que o culto ao Sol e à serpente andam associados às sepulturas. Com efeito, já no período Neolítico a repre-



O Baixo-Relevo mitraico de Tróia (Setúbal)

sentação do Sol aparece em monumentos megalíticas (Twohig 1981). Do interior dos mesmos são provenientes placas em xisto e cerâmica com iconografia ocular em forma de Sol.

Também temos provas de que desde o Paleolítico Superior a serpente surge representada em "bastões" de osso (Leroi-Gourhan 1976: 130 e 138. Podemos, assim, inferir que o Homem nesta época (30.000 anos aC.) já tinha observado particularidades especiais neste réptil.

No Neolítico a iconografia serpentiforme é frequente na arte dolménica no Ocidente europeu, Península Ibérica, Irlanda, Bretanha e Grã-Bretanha (Twohig 1981: 137).

Neste período sabemos também que no Oriente o Sol era por excelência o Deus dos Kurgans. Comunidade fixada nas montanhas do Cáucaso, já por volta de 7.000 a.C. e que se espalhou por toda a Europa Central e Ocidental transportando este símbolo, que representava sob várias formas, na base (interior e exterior) da cerâmica campaniforme (Gimbutas 1984: 263).

Na Península Ibérica surgem os cilindros de calcário e falanges em osso decorados e com uma iconografia solar representando os olhos. Estes objectos também se destinavam a acompanhar o morto por isso, uma grande parte é encontrada em sepulturas.

O Conceito de Representação

P2 – Do que ficou exposto podemos induzir que no Ocidente este tipo de iconografia estava associado à morte e como tal eram símbolos sagrados.

No Oriente são frequentes os monarcas cuja divinização lhes é conferida porque eles próprias simbolizam o Sol. (Eliade 1970:161) Está neste caso a representação antropomorfizada do Sol ao lado de Mithra. Na realidade apenas se pretende destacar uma personagem, porque a religião é monoteísta (Pavia 1986: 21).

A serpente associa-se ao símbolo solar pelo seu poder de "regeneração" permanente. Assim, é conotada com múltiplas religiões entre elas o mitraísmo.

P3 – Se o Sol e a serpente são símbolos ligados à morte, logo é-lhes atribuída certa sacralidade quer estejam representados nas sepulturas quer como símbolos do próprio poder do monarca ao ponto de ele próprio ser o Sol, tal como Mithra.

P4 – A hipótese extraída nesta proposição está de acordo com as inferências precedentes. Isto significa que o baixo-relevo representa um culto mitraico à serpente, figura central do painel, ligado com as principais preocupações da humanidade: vida, morte e regeneração.

A partir de um esquema desta natureza é mais fácil a representação do discurso sob a forma de regras. Estas têm como objectivo precisar a interpretação com a utilização de símbolos de que anteriormente falámos.

Factos iniciais

ANIMAL	NATURE	SERPENTE
SOL	REPRES	MITRA
SOL	ASSOCIA	PRE-HIST
SERPENTE	REPRES	PRE-HIST
SERPENTE	REPRES	SEPULTURA
SERPENTE	ASSOCIA	MORTE

Regra

REGLE: ATRIBUTO DA SERPENTE

*

SI	NATURE	(X) = (P)	
	REPRES	(P) = PRE-HIST	
	REPRES	(P) = SEPULTURA	
	ASSOCIA	(P) = (T)	
ALORS	ATRIB	(P) <==	SIMBOLO_SAGRADO
	REPRES	(P) <==	VIDA_MORTE_REGENERACÃO

Factos finais

ANIMAL	NATURE	MITRA
SOL	REPRES	MITRA
SOL	ASSOCIA	PRE-HIST
SERPENTE	REPRES	PRE-HIST
SERPENTE	REPRES	SEPULTURA
SERPENTE	ASSOCIA	MORTE
SERPENTE	ATRIB	SIMBOLO-SAGRADO
SERPENTE	REPRES	VIDA_MORTE_REGENERACAO

Qualquer regra é precedida de um conjunto de factos iniciais cuja composição é formada por um tríptico relacional que pode ser expresso pela seguinte formula: a R b.

Isto significa que os factos a e b, ou seja os antecedentes (a) e os consequentes (b) estão ligados entre si por uma relação (R).

A regra formulada, refere-se ao *atributo da serpente* e os factos iniciais transformados em símbolos vão reproduzir a interpretação lógica que foi atribuída àquele réptil.

Os factos finais reproduzem não só os factos mas, juntam também, os resultados provenientes da interpretação da regra formulada.

Para exemplificar o sistema vamos aplicar uma regra à interpretação dada à serpente que figura no lado esquerdo do quadro anterior.

A leitura da regra é a seguinte:

O Conceito de Representação

Se a natureza do animal (X) é ser uma serpente (P) e se está representada desde a Pré-história nas sepulturas, estando associada à morte (T), *então* a serpente (P) é um símbolo sagrado e representa a vida, morte e regeneração.

Os dados foram registados e geridos com o programa pericial SNARK/OPEN. Este pertence a uma família de programas que ajudam o raciocínio humano em diagnósticos, concepções e resolução de problemas em geral.

A sua característica essencial assenta numa "base de conhecimentos" escrita em linguagem natural, cujas entidades independentes são denominadas "regras de peritagem".

Não é este o local ideal para expor o funcionamento do programa, mas este pode ser consultado na bibliografia indicada. (Rodrigues, 1996:76-102).

Conclusão

É preciso esclarecer que a representação do conhecimento não depende dos computadores. A mesma experiência pode ser repetida com vários programas e os resultados serão sempre bons ou maus conforme for a racionalização da informação.

A representação e tratamento dos conhecimentos como foi demonstrado dependem da perícia do investigador na análise dos documentos e do uso que deles fizer.

A passagem da informação ao sistema "expert" convida a tratar o problema em múltiplas interpretações que a análise das construções, previamente, colocou.

O sistema semiológico utilizado para mencionar, descrever, e representar os "factos" empíricos, na base da construção empírico-indutiva são transformados em dados simbólicos de modo a obter operações lógicas, no sentido geral da palavra, que ligam os símbolos da base de dados ao enunciado das hipóteses ou conclusões. Isto significa que se forma uma cadeia de proposições onde P_0 designa a base de dados. P_n as hipóteses ou conclusões apoiadas nesta base, $\{P_i\} - \{P_i + 1\} - P_n$.

Esta prática também constitui uma oportunidade ideal para que algumas regras teóricas penetram na consciência dos arqueólogos e a disciplina de Arqueologia seja reexaminada e avaliada.

Bibliografia

- COSTA A.I.M., 1934 "Estudos sobre algumas estações da época luso-romana nos arredores de Setúbal, *O Arqueólogo Português*, nº 29, pp. 5-10.
- ELIADE, M. 1970, *Tratado de História das Religiões*, Cosmos, Lisboa.
- GARCIA y BELLIDO. 1949 – *Esculturas romanas de España y Portugal*, Madrid, p. 398 e 397.
- GARDIN J.-C., 1991 – *Le Calcul et la Raison: essais sur la formalisation du discours savant*, Éditions de L'École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris.
- GARDIN J.-C. e LAGRANGE M. – S. 1975, *Essais d'Analyse du discours Archeologique*, Centre de Recherches Archeologiques, Notes e Monographies Techniques, C.N.R.S., Paris.
- GARDIN J. C., LAGRANGE M.-S., MARTIN J. M. MOLINO J., NATALI J., 1981, *La Logique du Plausible: essais d'épistémologie pratique*. Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, Travaux et documents, Paris.
- GIMBUTAS M. 1984, "The religion of the old Europe and its legacy in the Bronze Age" in *4th International Thracian Conference*, Boston, pp. 249-285.
- HESEN J., 1987 – *Teoria do conhecimento*, col. Studium, Arménio Amado – Editora, Coimbra (trad. alemão).
- JALHAY E., 1948, "Franz Cumont e o baixo-relevo mitraico de Tróia (Setúbal)" *Brotéria*, nº 46. Maio (5) pp. 533-538.
- LEROI-GOURHAN A., 1976, *Les Religions de la Préhistoire*, Puf, Paris.
- MACIEL J. M. 1996, *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal*, Edição do Autor, Lisboa, 1996, p. 347.
- PAVIA C. 1986, *Roma Mitraica*, Carlo Lorenzini Editore, Udine (Italy).
- RODRIGUES, M.C.M. 1996, *Para uma Nova Arqueologia: As bases de Dados*, C.N.S. Lisboa.
- SOUZA, V. 1990, *Corpus Signorum Imperii Romani*, Coimbra.
- TWOHIG, E.S., 1981, *The Megalithic Art of Western Europe*, Clarendon Press, Oxford.